

## DA RETOMADA À RESISTÊNCIA: O REECONTRO DO PET GEOGRAFIA (UFG) COM AS FEIRAS URBANAS DE GOIÂNIA - GO

BARTRAS, G. V. S.<sup>1</sup>; COSTA, J. P. N.<sup>2</sup>; MOTA, E. M. A.<sup>3</sup>; TAVARES, G. H. F.<sup>4</sup>; SOUZA, M. L.<sup>5</sup>; ARAÚJO, P. H. A.<sup>6</sup>; FERREIRA, M. T.<sup>7</sup>; SOUZA, J. K. R.<sup>8</sup>; SANTOS, T. S.<sup>9</sup>; BARBAR, Y. J. A.<sup>10</sup>; MESQUITA, E. M. S.<sup>11</sup>; AMÉRICO, A. G.<sup>12</sup>; RIBEIRO, L. L. A. L.<sup>13</sup>; ALVES, A. O.<sup>14</sup>; OLIVEIRA, D. V.<sup>15</sup>

<sup>1</sup>Grupo PET-Geografia, UFG, Campus Samambaia; <sup>2</sup>Tutor(a) do Grupo SILVA, R. L. B. R.; UFG, Campus Samambaia

E-mail: bartras@discente.ufg.br, competgeo@gmail.com

**RESUMO:** O trabalho apresenta o relato de experiência do grupo PET Geografia (UFG) sobre a retomada da atividade tradicional de extensão nas feiras urbanas de Goiânia (GO), com destaque para a Feira do setor Goiânia 2. A ação, interrompida por um período devido à reorganização interna do grupo, foi reativada em 2025 com a participação de novos membros, tendo como base as pesquisas anteriores desenvolvidas no âmbito do PET. O objetivo foi compreender a feira urbana enquanto espaço de sociabilidade, trabalho e resistência, articulando os saberes populares à práticas socioambientais. A metodologia adotada envolveu observação de campo, registros fotográficos e diálogo com feirantes, retomando uma abordagem qualitativa e geográfica articulada nos princípios da educação ambiental crítica. Os resultados iniciais apontam que a feira do Goiânia 2 permanece como território de produção de saberes e identidades, apesar das pressões da ‘modernização’ e da informalidade. O relato evidencia a importância da continuidade de ações extensionistas e do diálogo entre o ensino, a pesquisa e extensão na formação geográfica e cidadã dos alunos/petianos.

**Palavras-chave:** Extensão universitária; Educação ambiental crítica; Saberes populares; Território e resistência.

## FROM RESUMPTION TO RESISTANCE: THE REUNION OF PET GEOGRAPHY (UFG) WITH THE URBAN FAIRS OF GOIÂNIA – GO

**ABSTRACT :** This paper presents the experience report of the PET Geography group (UFG) on the resumption of its traditional extension activity in the urban fairs of Goiânia (GO), with emphasis on the Goiânia 2 Fair. The action, which had been interrupted for a period due to the group’s internal reorganization, was reactivated in 2025 with the participation of new members, based on previous research developed within the PET program. The objective was to understand the urban fair as a space of sociability, work, and resistance, connecting popular knowledge to socio-environmental practices. The adopted methodology involved field observation, photographic records, and dialogue with vendors, resuming a qualitative and geographical approach grounded in the principles of critical environmental education. Initial results indicate that the Goiânia 2 Fair remains a territory of knowledge and identity production, despite the pressures of “modernization” and informality. The report highlights the importance of maintaining extension activities and promoting dialogue between teaching, research, and extension in the geographical and civic education of students/PET members.

**Keywords:** University extension; Critical environmental education; Popular knowledge; Territory and resistance.

## Introdução

As feiras urbanas são espaços tradicionais de circulação de mercadorias, encontros e trocas simbólicas, representando dimensões econômicas, culturais e sociais da cidade. Em Goiânia (GO), elas assumem um papel central na configuração urbana e no cotidiano popular, articulando a produção do campo ao consumo urbano e revelando práticas que mesclam tradição e adaptação às novas dinâmicas da cidade. Além de promover o abastecimento e a renda de inúmeras famílias, as feiras constituem-se também como espaços de convivência, aprendizado e resistência, onde diferentes sujeitos - produtores, consumidores, artesãos e comerciantes - constroem cotidianamente formas próprias de ocupar e significar o espaço urbano.

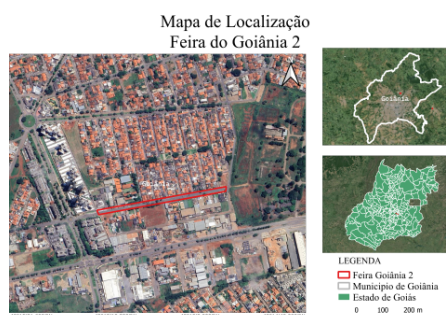
As feiras-livres proporcionam ao imaginário popular um universo de proximidades, de figuras, de encantamento, de repulsa e confusões de fronteiras. Elas oferecem um mergulho em um ambiente de sons estranhos, gestos, imagens, pessoas, animais e coisas. [...] A feira é um desses espaços que unificam os mundos da casa e da rua. Como espaço, ela tem regras e sistemas de valores próprios e se apresenta como um ambiente ambíguo, localizada no limite entre esses dois mundos. (MINNAERT, 2010, p. 130-131).

O grupo PET Geografia (UFG) possui uma trajetória consolidada de pesquisa e extensão voltada às feiras urbanas, compreendendo-as como espaços de sociabilidade, economia popular e construção de territorialidades. Ao longo dos anos, essas ações de pesquisa buscaram compreender as dinâmicas socioespaciais das feiras e valorizar os saberes e práticas locais que nelas se manifestam. Entre as experiências anteriores, destaca-se a pesquisa desenvolvida na Feira do Cerrado na região Sul de Goiânia, que investigou o beneficiamento do coco verde e o reaproveitamento de seus resíduos na produção artesanal e agrícola, prática essa que transforma o descarte em recurso e articula sustentabilidade, renda e cultura local. Essa vivência, concluída com resultados expressivos, revelou o potencial das feiras livres como espaços de experimentação socioambiental e inspirou novos olhares sobre a sustentabilidade urbana.

Após um período de pausa decorrente de reestruturações internas e preparação para a

comemoração dos 30 anos do PET Geografia (UFG), a ação “Feiras Urbanas” foi reativada no ano de 2025 com a chegada de novos petianos ao grupo. Nesse sentido, essa experiência anterior fundamenta a retomada da atividade em 2025, agora centrada na Feira do Goiânia 2 na região noroeste da capital, com o objetivo de dar continuidade ao diálogo entre pesquisa, extensão e os saberes populares que se (re)constroem nessas territorialidades. O presente relato tem como objetivo apresentar o processo de retomada da pesquisa e extensão nas feiras de Goiânia (GO), destacando a vivência dos novos membros e o papel das feiras como espaços de resistência e saberes populares.

**Figura 1 – Localização Feira Goiânia 2**



Fonte: Sistema GIS: Gabryel Bartras.

## Método

A pesquisa em desenvolvimento adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e participante, centrada na observação direta da Feira do Goiânia 2. Por se tratar da retomada de uma ação já consolidada pelo grupo PET Geografia, o processo metodológico tem se estruturado de forma coletiva e formativa, buscando resgatar a memória das experiências anteriores e adaptá-las à nova composição do grupo.

Inicialmente, inspirou-se em referências etnográficas (Minnaert, 2010) e nos princípios da educação ambiental crítica (Guimarães, 2004; Layrargues, 2012), compreendendo o espaço da feira como campo de aprendizagem e diálogo entre diferentes saberes. e textos como “Feiras livres: dinâmicas espaciais e relações de consumo” (Costa & Santos, 2016) que serviram de base teórica e metodológicas. Esse levantamento permitiu compreender os referenciais conceituais e metodológicos acumulados pelo grupo e situar a atual pesquisa dentro dessa continuidade.

Em seguida, foi elaborada uma caderneta de campo, com um roteiro inicial de

## INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DIREITOS HUMANOS: DESAFIOS ÉTICOS PARA O SÉCULO XX

observações e perguntas abertas como “como está o tempo hoje?”, “quantas pessoas circulam pela feira?”, “quais sons e cheiros predominam no espaço?” para orientar as primeiras aproximações. A cada visita, realizada semanalmente às terças-feiras, os petianos registram percepções sobre o ambiente, o movimento, as interações e as particularidades do espaço.

A etapa atual consiste na observação sistemática e imersão no campo, com o objetivo de compreender o funcionamento da feira e estabelecer um vínculo com os feirantes e frequentadores. A partir dessas observações iniciais, o grupo tem discutido coletivamente os elementos que mais chamaram atenção, sejam aspectos culturais, econômicos, políticos, ambientais, sonoros ou territoriais.

Com base nesses interesses, os doze integrantes foram organizados em subgrupos temáticos, responsáveis por aprofundar diferentes dimensões da feira, de modo que cada abordagem componha, posteriormente, uma análise integrada do espaço. O desenvolvimento de questionários e entrevistas estruturadas está previsto para as próximas etapas, a serem realizadas após a consolidação da fase de observação participante. Dessa forma, a metodologia expressa o caráter processual da retomada da atividade, que tem possibilitado aos novos petianos não apenas compreender as dinâmicas da feira, mas também aprender a construir conhecimento a partir da escuta, da observação e do convívio com o espaço e seus sujeitos

### Resultados e Discussão

Os primeiros resultados da pesquisa, ainda em andamento, indicam que a Feira do Goiânia 2 permanece como um importante espaço de convivência e de circulação de saberes, mesmo diante da concorrência com supermercados, centros comerciais e outras formas de consumo urbano. Ainda que as observações estejam em fase inicial, o grupo tem identificado que a feira se constitui como território de resistência frente à homogeneização dos espaços urbanos, preservando formas próprias de sociabilidade, autonomia econômica e identidade cultural.

Durante as visitas de campo, foi possível perceber que, apesar da informalidade e das condições de trabalho instáveis, existe uma forte dimensão comunitária que se expressa nas relações cotidianas entre feirantes e consumidores. Essa sociabilidade reafirma a função da

## INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DIREITOS HUMANOS: DESAFIOS ÉTICOS PARA O SÉCULO XX

feira como espaço público de trocas materiais e simbólicas, onde se refletem solidariedades, disputas e adaptações às novas dinâmicas da cidade:

As feiras se mantêm no espaço não somente por sua lógica tradicional, mas devido às ações dos agentes que equilibram a organização das feiras com as características do comércio moderno. Reúnem maior flexibilidade quanto à forma e função, para que possam sobreviver às novas tendências socioeconômicas e culturais, e seus agentes (comerciantes, produtores e consumidores) criam estratégias econômicas e espaciais de resistência (COSTA; SANTOS, 2016, p. 654).

A permanência da feira do Goiânia 2 está vinculada à sua flexibilidade espacial e social, permitindo que os feirantes incorporem novas práticas sem perder o caráter popular e identitário que marca esse território. A retomada da atividade pelo grupo PET também mostrou ao grupo desafios internos e pedagógicos. Com a entrada de novos integrantes demandou o resgate de memórias e registros das antigas ações nas feiras, de modo que o processo de reaprendizagem coletiva se tornasse parte da metodologia. Cabe dizer que esse exercício de reconstrução tem fortalecido o papel do PET como espaço de formação pela experiência, no qual a prática extensionista se traduz em instrumento de reflexão crítica sobre a cidade, o trabalho e o ambiente.

Embora a pesquisa ainda esteja em curso, as visitas e discussões iniciais têm possibilitado aos petianos compreenderem mais sobre a feira e vê-la como um laboratório vivo da geografia, onde se encontram diferentes escalas e dimensões - o campo e o urbano, o formal e o informal, o tradicional e o moderno. Essa imersão social tem estimulado olhares diversos sobre o espaço, provocando/gerando perguntas e caminhos de pesquisa que serão aprofundados nas próximas etapas do trabalho.

### Conclusões

A retomada do projeto das feiras urbanas pelo PET Geografia tem se mostrado além de uma reativação de uma antiga atividade de extensão: é um reencontro com a própria história do grupo e com a cidade que o cerca a realidade dos petianos. A ação conjunta na Feira do Goiânia 2 tem mostrado a força desses espaços enquanto territórios de resistência, de trabalho e de vida, onde se expressam identidades, solidariedades e modos próprios de habitar o espaço e o urbano.

Nesse processo, o grupo vem redescobrando a importância do olhar atento e da escuta

ativa, práticas que antecedem qualquer análise ou resultado acadêmico. As idas à feira, as conversas com os feirantes e o simples fato de observar o movimento do espaço têm produzido aprendizagens que ultrapassam o campo da pesquisa e tocam o sentido da extensão universitária como vivência concreta da realidade.

Essa retomada tem provocado para além de uma atividade, mas instigado perguntas e inquietações sobre a cidade, sobre o território e as territorialidades e o papel da universidade nesse processo. A experiência em andamento reafirma que compreender as feiras é também compreender o próprio papel do PET Geografia na formação crítica de seus integrantes. O retorno ao campo tem mostrado que aprender geografia passa, antes de tudo, por estar com as pessoas, observar o espaço e reconhecer as histórias que sustentam a vida na cidade.

### Agradecimentos

Ao MEC/SESu, ao Instituto de Estudos Socioambientais (IESA-UFG), à tutora Rusvênia Luiza Batista Rodrigues da Silva, aos feirantes da Feira do Goiânia 2 e aos ex-petianos que contribuíram para a construção desse percurso.

### Referências

COSTA, M. R.; SANTOS, D. M. *Feiras livres: dinâmicas espaciais e relações de consumo*. Geosaberes, Fortaleza, v. 6, n. esp. 3, p. 653–665, 2016.

GUIMARÃES, M. *Educação ambiental: da prática ao discurso*. Campinas: Papirus, 2004.

LAYRARGUES, P. P. *Educação ambiental e transformação social*. Brasília: MEC, 2012.

LIMA, B. I. *Do lixo ao luxo: beneficiamento do coco verde a partir de um estudo de caso na Feira do Cerrado em Goiânia – GO*. UFG, 2025.

MINNAERT, A. C. S. T. *A feira livre sob um olhar etnográfico*. In: Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura. Salvador: EDUFBA, 2010.

LEFF, E. *Epistemologia ambiental*. São Paulo: Cortez, 2001.